

Caminhada em linha reta até o espanto

MIGUEL CONDE

Folha de S.Paulo, Ilustríssima, 24.11.2013.

A política na poesia de Ferreira Gullar

RESUMO Enquanto os poemas de juventude de Ferreira Gullar eram impulsionados por uma perspectiva utópica, sua obra atual preza o efêmero. Reconhece-se, nessa poética que se quer menos ideológica, a opinião por ele expressada em artigos e entrevistas recentes de que existe no mundo uma ordem natural contra a qual não há que ir.

NUM ENSAIO publicado em 1982, o crítico João Luiz Lafetá definiu Ferreira Gullar (1930) como poeta da "caminhada em linha reta".

Metáfora da resolução obstinada que, para Lafetá, levaria Gullar a recusar os desvios e paradas pelo caminho para ir sempre até o fim de suas inquietações, buscando respostas decisivas às questões que movem sua poesia. Metáfora no entanto surpreendente, talvez, para quem se acostumou nos últimos anos a ouvir o colunista da **Folha** se definir como um poeta do espanto.

Se refletirmos um pouco sobre essas duas figuras, elas parecem mesmo quase o contrário uma da outra --a linha reta supõe urgência e deliberação, portanto também um rumo qualquer, enquanto o espanto, por definição, é inesperado e circunstancial.

Esticando esse cotejo meio associativo, pode-se dizer ainda que o espanto é a experiência que, em razão de seu imprevisto, nos obriga a interromper o passo. Uma poética do espanto está portanto mais próxima do sobressalto, das epifanias de circunstância, enquanto a caminhada em linha reta indica certa cisma ou ideia fixa.

Não é um acaso que as metáforas pareçam incompatíveis. Elas de fato se referem a dois poetas diferentes, ou, dizendo melhor, a dois momentos profundamente distintos da produção de um mesmo poeta.

Um comentário feito pelo crítico Ariel Jiménez no recém-lançado "**Ferreira Gullar conversa com Ariel Jiménez**" [Cosac Naify e Fundación Cisneros; R\$ 49,90; 256 págs.] ajuda a pensar o sentido histórico desse contraste. Na parte final do livro, um extenso diálogo com jeito de perfil autobiográfico, Jiménez observa "um traço de intimidade" que sobressai na poesia de Gullar a partir do "Poema Sujo" (1976), associando essa nova inflexão à constatação de que as "utopias, políticas ou não, estão mortas" e o que resta é apenas "o presente".

O espanto seria então a figura possível da criação poética numa época que já não dispõe de utopias. O que significa dizer: não dispõe de certo horizonte ideal que sirva de rumo para a negação transformadora do presente, talvez por reconhecer em tal horizonte uma miragem ou abstração vazia, em contraste com a concretude do atual. Isso sem dúvida combina com o reconhecimento do capitalismo como destino natural da espécie humana que encontramos nos artigos e entrevistas recentes de Gullar.

Daí que, enquanto nos primeiros livros de Gullar predomina o sentimento de que "a iluminação epifânica é breve e insuficiente" (como escreve Lafetá), em seus trabalhos mais recentes, pelo contrário, a epifania seja aceita em sua brevidade e insuficiência como o próprio sentido do fazer poético, agora compreendido numa chave mais modesta como expressão das experiências de espanto individual.

EQUILÍBRIO A observação de Ariel Jiménez expõe também a limitação dos numerosos comentários críticos sobre a "maturidade" e o "equilíbrio" que caracterizariam o Gullar pós-"Poema Sujo" --podem ser mencionados, como exemplos, os comentários de Fausto Cunha, Miguel Sanches Neto e Alfredo Bosi, além do próprio Lafetá--, em contraste implícito com o que se deveria descrever como um ímpeto juvenil, que até então conduziria a sua obra à busca por soluções absolutas, terminando sempre em novos impasses.

Em si mesma já questionável, na opção pelo sopeso cuidadoso que leva ao elogio do equilíbrio da dicção poética, o que essa caracterização parece deixar em aberto é sobretudo a relação entre esse arrefecimento e as novas inflexões dadas pelo poeta, nos últimos anos, à sua participação na vida cultural e política do país.

Fenomenologia, concretismo, neoconcretismo, marxismo, são todos termos que, no caso de Gullar, se ligam não apenas a posições teóricas ou existenciais mas definem também --sem, é claro, esgotá-las-- sucessivas inflexões de sua criação poética. Mas, se todos esses fios se entrelaçam numa trama apertada nos relatos do próprio Gullar a respeito das primeiras décadas de sua trajetória, esse tecido literário-biográfico se torna visivelmente mais frouxo nos últimos anos.

É como se não houvesse mais ligação clara entre o que Gullar escreve ao comentar a vida brasileira, ao discutir arte contemporânea e ao criar poemas e, portanto, os caminhos antes imbricados numa mesma trajetória se tornassem vias paralelas. De um lado o poeta do espanto, de outro o comentar social para quem "o empresário é um intelectual que, em vez de escrever poesias, monta empresas" e o capitalismo é "invencível" pois nasceu "dos instintos do ser humano".

O mais importante esforço de articulação entre criação poética e postura político-existencial na obra de Gullar, à parte os textos dele próprio, é o ensaio de Lafetá citado acima. Intitulado "Traduzir-se", em referência ao poema de "Na Vertigem do Dia"(1980) que toma de epígrafe, o texto está recolhido em "**A Dimensão da Noite**" [Editora 34; R\$ 68; 576 págs.], publicado em 2004, com organização de Antonio Arnoni Prado.

Por meio de uma alternância notável entre detalhe e panorama, Lafetá percorre a obra de Gullar dos primeiros poemas até o início dos anos 1980, identificando como problema fundamental de sua obra ("o demônio de sua poesia", na bela formulação do crítico) a "consciência do tempo humano como incapacidade de plenitude", reconhecimento lúcido em tensão com o desejo desmedido "de coincidir com o absoluto".

Esse problema teria no primeiro Gullar um sentido existencial, orbitando em torno da cisão eu- mundo, para depois tornar-se questão histórica, indivíduo-totalidade social. No "Poema Sujo", diz Lafetá, Gullar encontraria uma solução positiva para o impasse, reconhecendo, nas infinitas diferenças que separam e

multiplicam as coisas, uma potência do diverso, e não mais a tragédia da comunhão, síntese ou verdade impossível.

Algo semelhante ao que Alcides Villaça, em tese de doutorado defendida em 1984 e até hoje infelizmente inédita, chamaria de "multiplicação dos regimes de existência" no "Poema Sujo", já que nele o "diálogo" da enunciação poética não se dá mais com o tempo cósmico, concebido como medida absoluta e comum da existência, mas antes "com um outro humano" e a "pluralidade da vida".

EXISTENCIAL Talvez fosse possível ampliar o quadro de leitura proposto por Lafeté para incluir nele os livros mais recentes do poeta, "**Muitas Vozes**" [José Olympio, R\$ 25; 144 págs.], de 1999, e "Em Alguma Parte Alguma" [idem, R\$ 32; 144 págs.], de 2010, argumentando que, em sua poesia tardia, Gullar se volta novamente sobre uma figuração mais existencial da sucessão temporal, mas agora sem o páthos da totalidade que impulsionava dramaticamente seus poemas da juventude.

Em vez do fogo que consumia o cosmos em seus primeiros livros e reunia os seres numa atividade comum de criação dispendiosa da própria existência (em "A Luta Corporal", de 1954, ser é consumir-se), a figura decisiva da poesia recente de Gullar é o relâmpago, que dá a ver de maneira súbita o mundo que nossos hábitos rotineiros acabam tornando invisível.

Nessa fase tardia, portanto, os limites do corpo e da consciência, embora às vezes perturbadores, não são de fato um problema a demandar respostas como as notáveis metamorfoses de "A Luta Corporal", mas apenas o "locus" dos pequenos insights, encontros e sublimidades inesperadas de que se faz a poesia.

O eu-poético resigna-se à circunscrição de seu mundo particular, pois a totalidade torna-se mera especulação abstrata, relativamente desimportante diante da concretude afetiva e material da experiência individual do mundo.

"O sentimento do limite é intenso e atravessa esta última escrita de Gullar", escreve Alfredo Bosi no prefácio a "Em Alguma Parte Alguma". De fato, o contraste entre o imediato e o ilimitado se torna um dos motivos constantes da poesia recente de Gullar, como em "Universo": "Vi pouco do universo: afora a asa/ de pó e luz da via Láctea, o que conheço/ são as manhãs que invadem a minha casa".

Não há nessa limitação, porém, nada de trágico, pois os corpos celestes importam bem menos do que o "gatinho, meu amigo" de "A Estrela": "Pouco me importa/ quanto dura uma estrela./ Importa-me quanto duras tu/ querido amigo,/ e esses teus olhos azul-safira/ com que me fitas".

Da mesma maneira, em "Pergunta e Resposta", a dúvida sobre o sentido da poesia diante de um universo vasto e indiferente se dissipa diante da presença mundana, terrena, da mulher amada, afinal o poema só será "Inaudível/ Para quem esteja/ Na galáxia NGC 5128/ Ou na constelação/ de Virgo ou mesmo/ em Ganimedes/ onde felizmente não estás,/ Cláudia Ahimsa,/ poeta e musa do planeta Terra".

Desnecessário portanto buscar uma resposta à pergunta, pois ela já é conhecida de antemão e anunciada antes mesmo que se inicie a leitura do poema.

O conhecido bordão do poeta "não quero ter razão, eu quero é ser feliz" --aliás contradito por sua permanente disposição para o debate-- às vezes parece querer dizer algo do tipo "não preciso discutir, porque já sei que estou certo".

É que a fase atual de Gullar, ao mesmo tempo em que rejeita o absoluto em favor do reconhecimento modesto do valor do parcial, pretende-se ela mesma uma espécie de palavra final, uma fase depois do fim das fases. Como se a perspectiva pós-utópica fosse não ideológica, mero reconhecimento equilibrado e maduro da ordem natural das coisas ("Nem todo mundo pode ser Bill Gates"), contra a qual seria insensato bater-se.

-

As metáforas da linha reta e do espanto se referem a dois poetas diferentes, ou melhor, a dois momentos profundamente distintos da produção de um mesmo poeta

O conhecido bordão do poeta, "não quero ter razão, eu quero é ser feliz", às vezes parece querer dizer algo do tipo "não preciso discutir, porque já sei que estou certo"

O espanto seria a figura da criação numa época que já não dispõe de utopias, de horizonte a servir de rumo para a negação transformadora do presente